



Série
Memórias do Espiritismo

Volume 15

Fotos e ilustrações da página anterior (de cima para baixo, a partir da esquerda):

Gabriel Delanne, Bezerra de Menezes, Allan Kardec, Leon Denis; William Crookes, Alfred Russel Wallace, Alexander Aksakof, Oliver Lodge;

Yvonne do Amaral Pereira, Alfred Binet, Ernesto Bozzano, Arthur Conan Doyle;

Hercílio Maes, Caibar Schutel, Gustavo Geley, Eurípedes Barzanulfo;

Victor Hugo, Charles Robert Richet, Cesare Lombroso, Pierre Gaetan Leymarie;

Andrew Jackson Davies, Camille Flammarion, Francisco Cândido Xavier, Emanuel Swedenborg.

Reconhecemos a ausência de inúmeros expoentes do espiritismo nesta galeria de imagens. Em razão do limitado espaço, escolhemos apenas algumas personalidades ilustres para representar todos aqueles que gostaríamos de homenagear.

QUE É O ESPIRITISMO

Introdução ao conhecimento do mundo invisível
pelas manifestações dos espíritos

O Espiritismo

Terceira Revelação da Lei de Deus

Aperfeiçoamento da religião espiritual

(O Espírito de Verdade anunciado por Jesus)
Evangelho segundo São João, 14: 15, 16, 17, 20

Seu objetivo essencial é o melhoramento dos homens

• Filosofia • Moral • Ciência

© 2015 – Conhecimento Editorial Ltda

Que é o Espiritismo

Introdução ao conhecimento do mundo invisível
pelas manifestações dos espíritos

Allan Kardec

Qu'est-ce que le spiritisme?

Introduction à la connaissance du monde invisible.

Todos os direitos reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – Vila Teixeira Marques
CEP 13480-970 – Limeira – SP
Fone/Fax: 19 3451-5440
www.edconhecimento.com.br
pedidos@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais,
é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico,
inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de
gravação – sem permissão, por escrito, do Editor.

Tradução: Julieta Leite

Ilustração da Capa: Banco de imagens

Projeto Gráfico: Sérgio Carvalho

ISBN 978-85-7618-332-7 – 1ª Edição – 2015

• Impresso no Brasil • Presita em Brazilo

Produzido no departamento gráfico da

CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

conhecimento@edconhecimento.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Kardec, Allan.

Que é o Espiritismo – Introdução ao conhecimento
do mundo invisível pelas manifestações dos espíritos
/ Allan Kardec; [tradução de Julieta Leite]. – Limeira,
SP : Editora do Conhecimento, 2015.

156 p. (Série Memória do Espiritismo, v. 15)

ISBN 978-85-7618-332-7

Título original: *Qu'est-ce que le spiritisme?*

1. Espiritismo 2. Doutrina espírita I. Título II. Série III.
Leite, Julieta

15-

CDD –

Índices para catálogo sistemático:

1. Espiritismo

QUE É O ESPIRITISMO

Introdução ao conhecimento do mundo invisível
pelas manifestações dos espíritos

Contendo o resumo dos princípios da doutrina espírita
e a resposta às principais objeções, por

Allan Kardec

(1804-1869)

Codificador dos ensinamentos e conselhos da universalidade
dos espíritos superiores, que se encontram nos
livros fundamentais do espiritismo.

** Fora da caridade não há salvação.*

** Nascer, morrer, renascer e progredir sem cessar, tal é a lei.*

** Fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão
de frente, em todas as eras da humanidade.*

Tradução: Julieta Leite

1ª edição
2015



SÉRIE MEMÓRIAS DO ESPIRITISMO

Volume 1	Evolução Anímica	Gabriel Delanne
Volume 2	A Alma Imortal	Gabriel Delanne
Volume 3	O Espiritismo, a Magia e as Sete Linhas de Umbanda	Antonio Eliezer Leal de Souza
Volume 4	O Espiritismo Perante a Ciência	Gabriel Delanne
Volume 5	Pesquisas sobre a Mediunidade	Gabriel Delanne
Volume 6	As Forças Naturais Desconhecidas	Camille Flammarion
Volume 7	A Crise da Morte	Ernesto Bozzano
Volume 8	No Mundo dos Espíritos	Antonio Eliezer Leal de Souza
Volume 9	Urânia	Camille Flammarion
Volume 10	Tratado de Metapsíquica	Charles Richet
Volume 11	O Problema do Ser e do Destino	Leon Denis
Volume 12	O Mundo Invisível e a Guerra	Leon Denis
Volume 13	O Gênio Celta e o Mundo Invisível	Leon Denis
Volume 14	Viagem Espírita em 1862	Allan Kardec
Volume 15	Que é o Espiritismo	Allan Kardec

QU'EST-CE QUE
LE
SPIRITISME

INTRODUCTION
A LA CONNAISSANCE DU MONDE INVISIBLE
PAR LES MANIFESTATIONS DES ESPRITS

CONTENANT
LE RÉSUMÉ DES PRINCIPES DE LA DOCTRINE SPIRITE, ET LA RÉPONSE
AUX PRINCIPALES OBJECTIONS

PAR
ALLAN KARDEC
Auteur du *Livre des Esprits*, du *Livre des Médiûms*,
et directeur de la *Revue spirite*

Hors la Charité point de salut

HUITIÈME ÉDITION

PARIS
LIBRAIRIE DIDIER ET C^{ie}, 35, QUAI DES AUGUSTINS
FRÉD. HENRY, DENTU, LIBRAIRES
AU PALAIS-ROYAL
ET TOUS LES LIBRAIRES DE PARIS ET DES DÉPARTEMENTS

1868

Tous droits réservés.

Sumário

Introdução.....	11
Capítulo I - Pequena conferência espírita	
<i>Primeiro diálogo</i> – O crítico.....	13
<i>Segundo diálogo</i> – O céptico	24
Espiritismo e espiritualismo	25
Dissidências.....	27
Fenômenos espíritas simulados.....	28
Impotência dos detratores	30
O prodigioso e o sobrenatural.....	32
Oposição da ciência.....	33
Falsas explicações dos fenômenos (Alucinações, fluidos magnéticos, reflexo do pensamento, superexcitação cerebral, estado sonambúlico dos médiuns).....	39
Os incrédulos não podem ver para convencer-se	42
Boa ou má vontade dos espíritos para convencer	43
Origem das ideias espíritas modernas	44
Meios de comunicação.....	48
Médiuns interesseiros	51
Médiuns e feiticeiros	56
Diversidade entre os espíritos	58
Utilidade prática das manifestações.....	62
Loucura, suicídio e obsessão.....	63
Esquecimento do passado.....	66
Elementos de convicção.....	68
Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec	71
Proibição do espiritismo.....	72
<i>Terceiro Diálogo</i> – O padre	73
Capítulo II - Noções elementares de espiritismo	
Observações preliminares	97
Dos espíritos.....	99
Comunicações com o mundo invisível.....	103
Intuito providencial das manifestações espíritas	112

Dos médiuns.....	114
Riscos para os médiuns	118
Qualidades dos médiuns	121
Charlatanismo	125
Identidade dos espíritos.....	126
Contradições.....	127
Consequências do espiritismo	128

Capítulo III - Soluções de alguns problemas pela doutrina espírita

Pluralidade dos mundos.....	133
Da alma.....	134
O homem durante a vida terrestre	136
O homem depois da morte.....	146

Introdução

As pessoas que têm do espiritismo apenas um conhecimento superficial são naturalmente levadas a fazer certas perguntas para as quais, sem dúvida, um estudo completo lhes daria a resposta. Porém, falta-lhes tempo, e frequentemente vontade, para se dedicarem a observações continuadas. Antes de empreender essa tarefa, seria bom saber, pelo menos, de que se trata, e se vale a pena ocupar-se com ela. Pareceu-nos útil, então, apesentar, num quadro sucinto, a resposta a algumas das perguntas fundamentais que nos são feitas diariamente. Para o leitor, será uma iniciação, e para nós, tempo ganho, por dispensar-nos de repetir constantemente a mesma coisa.

O primeiro capítulo contém, sob a forma de diálogos, a resposta às objeções mais comuns da parte dos que ignoram os primeiros fundamentos da doutrina, bem como a contestação aos principais argumentos dos seus opositores. Essa forma nos pareceu a mais conveniente, por não ter a aridez da forma dogmática.

O segundo capítulo é dedicado à exposição sumária das partes da ciência prática e experimental, sobre as quais, na falta de uma instrução completa, o observador principiante deve dirigir sua atenção, para julgar com conhecimento de causa. É, de certo modo, o resumo de *O Livro dos Médiuns*. Na maioria das vezes, as objeções nascem das ideias errôneas que se faz *a priori* a respeito do que não se conhece. Corrigir essas ideias é antecipar-se às objeções: tal é o objetivo deste pequeno tratado.

O terceiro capítulo pode ser considerado um resumo de O

Livro dos Espíritos. É a solução, pela doutrina espírita, de um certo número de problemas do mais alto interesse, de ordem psicológica, moral e filosófica, com que nos deparamos diariamente e para os quais nenhuma filosofia deu soluções satisfatórias ainda. Tente-se resolvê-los por qualquer outra e sem a chave que o espiritismo fornece e se verá quais são as respostas mais lógicas e que melhor satisfazem à razão.

Esta exposição resumida não é útil só para os principiantes, que dela poderão extrair, em pouco tempo e com pouco esforço, as noções mais essenciais, como não deixa de sê-lo também para os adeptos, aos quais fornece os meios para responderem às primeiras objeções que não deixam de fazer-lhes e, além disso, porque aqui encontrarão reunidos, num quadro conciso, que pode ser abrangido num relance, os princípios que jamais devem perder de vista. Para responder desde já e sumariamente à pergunta formulada no título deste opúsculo, diremos que:

O espiritismo é ao mesmo tempo uma ciência de observação e uma doutrina filosófica. Como ciência prática, consiste nas relações que podemos estabelecer com os espíritos; como filosofia, compreende todas as consequências morais que decorrem dessas relações.

Pode-se defini-lo assim:

O espiritismo é uma ciência que trata da natureza, da origem e da destinação dos espíritos e das suas relações com o mundo corporal.

Capítulo I

Pequena conferência espírita

• Primeiro diálogo – O crítico • Segundo diálogo o céptico • Espiritismo e espiritualismo • Dissidências • Fenômenos espíritos simulados • Importância dos detratores • O prodigioso e o sobrenatural • Oposição da ciência • Falsas explicações dos fenômenos • Os incrédulos não podem ver para convencer-se • Boa ou má vontade dos espíritos para convencer • Origem das ideias espíritas modernas • Meios de comunicação • Médiuns interesseiros • Médiuns e feiticeiros • Diversidade entre os espíritos • Utilidade prática das manifestações • Loucura, suicídio e obsessão • Esquecimento do passado • Elementos de convicção • Sociedade para continuação das obras espíritas de Allan Kardec • Proibição do espiritismo • *Terceiro Diálogo* – O padre

Primeiro diálogo - O crítico

Visitante – Confesso-lhe, senhor, que minha razão se recusa a admitir a realidade dos estranhos fenômenos atribuídos aos espíritos que, disse estou persuadido, só existem na imaginação. Diante da evidência, no entanto, devemos curvar-nos, e é o que farei se conseguir ter disse provas incontestáveis. Venho, pois, solicitar-lhe a gentileza de permitir-me assistir somente a uma ou duas experiências, para não ser indiscreto, a fim de convencer-me, se for possível.

Allan Kardec – Uma vez que sua razão se recusa a admitir o que consideramos fatos comprovados, significa que o senhor a julga superior à razão de todos que não compartilham suas opiniões. Não ponho em dúvida seu mérito e não tenho a pretensão de colocar minha inteligência acima da sua. Admita, pois, que estou enganado, uma vez que é a razão que vos diz, e encerremos o assunto.

Visitante – Entretanto, se o senhor conseguisse convencer-me, conhecido que sou como antagonista das suas ideias, seria um milagre eminentemente favorável à sua causa.

A. K. – Lamento, mas não tenho o dom dos milagres. O senhor acha que uma ou duas sessões bastarão para convencê-lo? Isso seria realmente uma façanha. Para ficar convencido, eu mesmo precisei de mais de um ano de trabalho, o que lhe prova que não foi superficialmente que me convenci. Além do mais, eu não realizo sessões, e parece-me que o senhor está enganado quanto

à finalidade das nossas reuniões, visto que não fazemos experiências visando a satisfazer a curiosidade de quem quer que seja.

Visitante – Então o senhor não se empenha em fazer adeptos?

A. K. – Por que me empenharia em fazer do senhor um adepto, se não é isso que deseja? Não forço convicção alguma. Quando encontro pessoas que sinceramente desejam instruir-se e que me dão a honra de pedir-me esclarecimentos, considero um prazer e um dever responder-lhes, nos limites dos meus conhecimentos. Quanto aos antagonistas que, como o senhor, têm convicções arraigadas, não faço uma tentativa sequer para dissuadi-los, visto que já encontro bastante pessoas bem-dispostas, sem perder meu tempo com as que não o estão.

Cedo ou tarde, pela força das coisas, a convicção virá, e os mais incrédulos serão arrastados pela torrente. Por enquanto, alguns partidários a mais ou a menos não pesam na balança. Eis por que o senhor jamais me verá apoquentar-me a fim de trazer para as nossas ideias aqueles que têm, como o senhor, boas razões para afastar-se delas.

Visitante – Contudo, há mais interesse em convencer-me do que o senhor imagina. Permita que me explique com franqueza e prometa-me que não se ofenderá com as minhas palavras. Trata-se das minhas ideias sobre o assunto e não sobre a pessoa a quem me dirijo; posso respeitar a pessoa sem partilhar sua opinião.

A. K. – O espiritismo ensinou-me a não dar importância às mesquinhas suscetibilidades de amor-próprio e não me ofender com palavras. Se as suas palavras saírem dos limites da urbanidade e das conveniências, concluirei que o senhor é um homem mal-educado: eis tudo. Quanto a mim, prefiro deixar os insultos aos outros em vez de compartilhá-los.

Só por isso, o senhor vê que o espiritismo serve para alguma coisa.

Já lhe disse, senhor, não me empenho absolutamente em fazê-lo participar da minha opinião; respeito a sua, se for sincera, como desejo que respeitem a minha.

Já que o senhor considera o espiritismo um sonho utópico, ao dirigir-se à minha casa deve ter dito consigo mesmo: vou ver um louco. Confesse-o francamente, não me ofenderei com isso. Todos os espíritas são loucos, é coisa convencionada. Pois bem,

uma vez que o senhor considera isso uma doença mental, tenho receio de contagiá-lo, e espanta-me que, com tal pensamento, queira adquirir uma convicção que o colocará entre os loucos. Se, antecipadamente, o senhor está persuadido de que não poderá ser convencido, sua tentativa é inútil, porque seu único intuito é a curiosidade. Abreviemos, pois, rogo-lhe, porque não tenho tempo a perder em conversas sem objetivo.

Visitante – Uma pessoa pode enganar-se, iludir-se, sem por isso ser louca.

A. K. – Fale claro. Como tantos outros, o senhor acha que é uma mania que não vai durar muito. Mas há de convir que uma mania que, em poucos anos, conquistou milhões de partidários em todos os países, que conta com sábios de todas as categorias, que, de preferência, se propaga entre as classes mais esclarecidas, é uma mania surpreendente, que merece algum exame.

Visitante – Tenho minhas ideias a esse respeito, é verdade, mas não são tão definitivas que eu não admita renunciar a elas diante da evidência. Como lhe disse, o senhor teria certo interesse em convencer-me.

Confesso-lhe que pretendo publicar um livro no qual me proponho a demonstrar *ex-professo* (com real conhecimento de causa; magistralmente) o que considero um erro. E como esse livro deverá ter grande penetração e atacar os espíritos, se conseguir ser convencido, não o publicarei.

A. K. – Ficaria desolado, senhor, se o privasse do lucro de um livro que deve ter grande aceitação. Aliás, não tenho interesse algum em impedir que o faça. Ao contrário, desejo-lhe uma excelente acolhida, já que isso nos servirá de propaganda e anúncio. Quando uma coisa é atacada, desperta atenção; há muita gente que quer conhecer os prós e os contras e a crítica a apresenta até mesmo aos que nem pensavam nela. É assim que, sem querer, se faz a propaganda a favor daqueles a quem se quer prejudicar. Além do mais, a questão dos espíritos é de um interesse tão palpitante, aguça a tal ponto a curiosidade, que basta chamar atenção para ela para despertar o desejo de examiná-la mais a fundo.¹

¹ Depois deste diálogo, escrito em 1859, a experiência veio demonstrar amplamente a exatidão desta tese.

Visitante – Então, no seu entender, a crítica não serve para coisa alguma e a opinião pública nada vale?

A. K – Não vejo a crítica como expressão da opinião pública, mas como uma opinião individual que pode se equivocar. Leia a história e verá quantas obras-primas foram criticadas ao aparecerem, o que não impediu que continuassem a ser obras-primas; quando uma coisa é ruim, porém, nem todos os elogios possíveis a tornarão boa. **Se o espiritismo é um equívoco, cairá por si mesmo; se é uma verdade, nem as críticas mais ferozes farão dele uma mentira.**

Seu livro será uma opinião pessoal, segundo seu ponto de vista; a verdadeira opinião pública decidirá se é correta. Para tanto, todos desejarão ver, e se mais tarde verificarem que o senhor se enganou, seu livro acabará sendo tão ridículo quanto os que foram publicados há pouco contra as teorias da circulação do sangue, da vacina etc.

Mas, ia me esquecendo de que o senhor deve tratar a questão *ex-professo*, o que significa que a estudou sob todos os seus aspectos; que viu tudo que é possível ver; que leu tudo o que se escreveu sobre o assunto; que analisou e comparou as diversas opiniões; que se encontrou nas condições ideais para observar por si mesmo; que durante anos consagrou suas vigílias a essa tarefa. Em resumo: que nada negligenciou para chegar à constatação da verdade. Devo crer que foi assim, se o senhor é um homem sério, porque só quem fez tudo isso tem o direito de dizer que fala com conhecimento de causa.

Que pensaria o senhor de um homem que se arvorasse em censor de uma obra literária sem conhecer literatura, de um quadro, sem ter estudado pintura? É de uma lógica elementar que o crítico deva conhecer, não superficialmente, mas a fundo, aquilo de que fala, sem o que sua opinião não teria valor.

Para contestar um cálculo, deve-se opor-lhe outro cálculo, mas para isso é preciso saber calcular. O crítico não deve limitar-se a dizer que determinada coisa é boa ou má; é necessário que justifique a sua opinião através de uma demonstração clara e lógica, baseada nos princípios inerentes à respectiva arte ou ciência. Como pode fazê-lo se ignora esses princípios?

O senhor poderia avaliar as qualidades ou os defeitos de

uma máquina, sem ter noções de mecânica? Não. Pois bem, sua opinião sobre o espiritismo, que o senhor não conhece, não teria mais valor do que a que emitisse a respeito da aludida máquina. A todo instante seria apanhado em flagrante delito de ignorância, porque aqueles que tiverem estudado o assunto logo perceberão que não o domina; donde concluirão que o senhor não é um homem sério ou que não age de boa-fé. Tanto num caso como no outro, isso o exporia a receber desmentidos pouco lisonjeiros ao seu amor-próprio.

Visitante – É exatamente para evitar esse risco que vim pedir-lhe que me permita assistir a algumas experiências.

A. K. – E o senhor acha que isso lhe bastará para falar do espiritismo *ex-professo*? Mas, como poderia compreender essas experiências, e ainda mais julgá-las, se não estudou os princípios que lhe servem de base? Por exemplo, como poderia avaliar o resultado – satisfatório ou não – de experiências metalúrgicas, sem conhecer a fundo a metalurgia? Permita-me dizer-lhe que seu projeto é absolutamente como se, não sabendo matemática, nem astronomia, o senhor fosse dizer a um dos membros do Observatório: Senhor, quero escrever um livro sobre astronomia e, além disso, provar que seu sistema é falso; como, porém, não tenho qualquer noção dessa ciência, permita-me olhar uma ou duas vezes através das suas lunetas; isso me bastará para ficar sabendo tanto quanto o senhor.

É só por analogia que o termo *criticar* é sinônimo de *cen-surar*; na sua acepção própria, e segundo a etimologia, ele significa *julgar, avaliar*. Portanto, a crítica tanto pode ser favorável como desfavorável. Fazer a crítica de um livro não significa necessariamente condená-lo; quem empreende essa tarefa deve fazê-lo sem ideias preconcebidas; mas, se antes de abrir o livro já o tiver condenado em pensamento, seu exame não pode ser imparcial.

Este é o caso da maioria dos que falaram do espiritismo. Formaram uma opinião baseados unicamente no nome e comportaram-se como um juiz que proferisse uma sentença sem ter-se dado o trabalho de examinar as peças do processo.

O resultado disso, é que o julgamento deles soou falso e, em vez de persuadirem, provocaram risos.

Quanto aos que estudaram seriamente a questão, em sua maioria mudaram de opinião, e mais de um adversário tornou-se partidário ao ver que se tratava de algo bem diferente do que havia imaginado.

Visitante – O senhor fala do exame dos livros em geral; crê que seja materialmente possível que um jornalista leia e estude todos os que lhe passam pelas mãos, principalmente quando tratam de teorias novas, que lhe seria necessário aprofundar e verificar? Seria o mesmo que exigir que um impressor lesse todas as obras que saem das suas prensas.

A. K. – Diante de um raciocínio tão judicioso, nada tenho a responder senão que, quando não temos tempo para fazer conscientemente uma coisa, não nos envolvemos com ela; mais vale fazer uma única coisa bem do que fazer dez coisas mal.

Visitante – Não pense que minha opinião se tenha formado levemente, senhor. Vi mesas girarem e darem pancadas; vi pessoas que supostamente escreviam sob a influência dos espíritos. Estou convencido, porém, de que havia charlatanismo nisso.

A. K. – Quanto o senhor pagou para ver?

Visitante – Absolutamente nada, com certeza.

A. K. – Ora, eis aí charlatães de uma espécie rara, que vão reabilitar a classe. Até agora ainda não se tinha visto charlatães desinteressados. Se eventualmente um gaiato quis divertir-se, deve-se concluir daí que as outras pessoas fossem cúmplices? Além do mais, com que finalidade se tornariam cúmplices de uma mistificação? Para divertir a sociedade, dirá o senhor. Admito que as pessoas se prestem a uma brincadeira uma vez; mas quando essa brincadeira dura meses e anos, creio que é o mistificador quem está sendo mistificado. Será provável que, só pelo prazer de fazer com que creiam numa coisa que sabe ser falsa, alguém fique horas e horas mofando em torno de uma mesa? O prazer não valeria a pena.

Antes de decidir que se trata de uma fraude, deve-se indagar que interesse alguém pode ter em enganar; ora, o senhor há de convir que há pessoas cuja condição exclui qualquer suspeita de fraude, pessoas cujo caráter é, por si só, uma garantia de probidade.

Seria diferente caso se tratasse de uma especulação, porque

o atrativo do lucro é mau conselheiro; mas, admitindo mesmo que, nesta última ocorrência, ficasse incontestavelmente comprovada uma manobra fraudulenta, isso nada provaria contra a realidade do princípio, visto que se pode fazer mau uso de tudo. Do fato de haver pessoas que vendem vinhos adulterados não se conclui que não exista vinho puro.

O espiritismo não é mais responsável por quem abusa desse nome e o explora do que a ciência médica o é pelos charlatães que vendem suas drogas, e tampouco a religião o é pelos sacerdotes que se prevalectem do seu ministério.

Por sua novidade e pela sua natureza peculiar, o espiritismo devia prestar-se a abusos; mas ele forneceu os meios para reconhecerê-los ao definir claramente seu verdadeiro caráter e ao negar qualquer vínculo com quem viesse a explorá-lo ou desviá-lo do seu objetivo exclusivamente moral, para dele fazer uma profissão, um instrumento de adivinhação ou de indagações fúteis.

Uma vez que o próprio espiritismo traça os limites em que se encerra, especifica o que diz e o que não diz, o que pode e o que não pode fazer, o que está ou não entre as suas atribuições, o que aceita e o que repudia, a culpa é dos que, não se dando ao trabalho de estudá-lo, o julgam pelas aparências; que, por encontrarem saltimbancos que se cobrem de ridículo dizendo-se *espíritas* para atrair os transeuntes, declaram com gravidade: Eis o que é o espiritismo.

Sobre quem, definitivamente, recai o ridículo? Não é sobre o saltimbanco, que está desempenhando a sua profissão, nem sobre o espiritismo, cuja doutrina escrita desmente tais afirmativas, e sim sobre os críticos presunçosos que falam do que não sabem ou conscientemente alteram a verdade. Os que atribuem ao espiritismo o que é contra sua essência imanente, fazem-no por ignorância ou intencionalmente; no primeiro caso, trata-se de leviandade, no segundo, de má-fé. Neste último, eles se assemelham a certos historiadores que alteram os fatos históricos no interesse de um partido ou de uma opinião. O emprego de tais meios sempre faz com que um partido caia em descrédito e não atinja seu objetivo.

Veja bem, senhor, que não exijo que a crítica deva necessariamente aprovar nossas ideias, mesmo depois de tê-las estuda-

do; não censuramos de modo algum os que não pensam como nós. O que para nós é evidente, pode não ser para todo mundo; cada qual julga as coisas sob seu ponto de vista, e do fato mais inquestionável nem todos tiram as mesmas conclusões. Se, por exemplo, um pintor põe no seu quadro um cavalo branco, alguém poderá perfeitamente dizer que esse cavalo não causa boa impressão, que um preto ficaria melhor; mas o erro seria dizer que o cavalo é branco, se na verdade fosse preto. É o que a maioria dos nossos adversários faz.

Em resumo, senhor, todos têm total liberdade para aprovar ou criticar os princípios do espiritismo, tirar deles conclusões, boas ou más, como lhes aprouver, mas a consciência impõe a todo crítico sério o dever de não dizer o contrário do que é; ora, para isso, a primeira condição é falar só do que se conhece.

Visitante – Voltemos, por favor, às mesas que se movem e falam. Não seria o caso de estarem preparadas para isso?

A. K. – É sempre a questão de boa-fé a que já respondi. Quando a impostura for provada, deixarei que se encarregue dela; se o senhor apontar fatos *comprovados* de fraude, de charlatanismo, de exploração ou de abuso de confiança, eu os entregarei ao seu açoite, declarando de antemão que não lhes assumirei a defesa, porque o espiritismo sério é o primeiro a repudiá-los e porque apontar os abusos é ajudá-lo a preveni-los, prestando-lhe um grande favor. Porém, generalizar essas acusações, lançar sobre uma multidão de pessoas honradas a reprovação que só alguns indivíduos isolados merecem, é um abuso de outra espécie: trata-se de calúnia.

Admitindo, como o senhor disse, que as mesas estivessem preparadas, seria preciso que nelas houvesse um mecanismo bem engenhoso para fazê-las executar movimentos e ruídos tão variados. Como se explica que ainda não se conheça o nome do hábil fabricante que os confecciona? No entanto, sua fama deveria ser bem grande, já que esses aparelhos estão espalhados pelas cinco partes do mundo.

Deve-se convir também que seu processo é bem sutil, uma vez que pode adaptar-se a qualquer mesa, sem deixar nenhum vestígio externo. Como é possível que desde Tertuliano, que também falava das mesas girantes e falantes, até hoje, ninguém